MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDICÃO 19 | JUL. 26

Manifesto

Altura, abertura e profundeza.

A MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

...e que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz.

...do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena.

Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 57 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.

Meu nome é Mario Aquino Alves. Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 57 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.

Meu nome é Renato. Tenho 64 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, quiabo, jaca, lesma e o Alien ao nascer.

Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não ‘g’. 'V’... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas avô que ensinava latim. Tenho 55 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa, das regorgitantes, a tudo que na frase “na prática a teoria é outra” pode estar ímplícito, oculto e, principalmente, atolado.

O IMANTADO

Meu nome é Marco. Tenho 52 anos, adoro aniversários, celebrações e também rir com boas companhias. Magnético, me atraem as praias, o mar, os dias ensolarados, as metrópoles multiculturais, a natureza de todas as coisas, a curiosidade. Sinto repulsa por sapos e por veículos muito barulhentos.

ÍNDICE

A AURORA

Marco Antonio Moreira 07

BUTOH PUNK

Renato Guimarães 10

EN UNA NOCHE OSCURA

Sérvio Túlio Prado Júnior 16

AS VEZES NO SILÊNCIO DA NOITE

Ana Maria Malik 18

DUAS TORRES

Mario Aquino 21

AURORA

Eram vinte e três horas, quando Nuno finalmente resolveu sair para dar uma volta na rua. Sábado de verão, já não aguentava mais ficar com a cara grudada na tela do celular. A vida alheia editada com efeitos e trilha sonora passando bem diante dos seus olhos, os anúncios de palestras, de cursos, de bugigangas, querendo fisgá-lo. A melhor banda dos últimos tempos da última semana querendo ser ouvida. E o dedo de Nuno rolando infinitamente no smartphone. - “Não aguento mais.” - pensou.

Apagou a tela do celular, colocou-o no bolso e saiu. Andou meio sem rumo. Tudo para não ficar em casa a sós. Gostava de si, adorava atividades e momentos consigo mesmo, mas naquele sábado, não. O acúmulo de solidão se apossou de Nuno como nunca antes até então. Os amigos ocupados, ultimamente já não se ocupavam mais dele. Ele bem que tentou, muitas vezes, organizar qualquer volta no quarteirão que fosse, junto com sua turma, mas a mensagem “Bora marcar. Tmj.” insistia em se sobrepor.

Assim que saiu da sua casa, uma profusão de estímulos sonoros e visuais dançavam ao som de um saxofonista que passava um chapéu, tocando sucessos da rádio. Ficou um tempo assistindo. Escaneou o pix do artista, contribuiu com o que podia. Nuno não pediu, mas ganhou um “Obrigado, meu irmão. Tamo junto.” Seguiu adiante na rua desviando de malabaristas, camelôs, ciclistas, turistas, bibelôs, massagistas, baristas, bistrôs. Estava junto das notas da música que acabara de ouvir. Arriscou olhar para as pessoas. Quem estava acompanhado, se ocupava de sorrir à sua companhia. De conversar, interagir. Estavam içados a um outro plano. Alguns outros também solitários, agora andavam pela rua olhando para o celular.

Nuno parou um pouco. Tudo ao seu redor rodava. As notas do saxofone tinham ido soar em outras orelhas. Veio vontade de chorar. Desejo de voltar para casa. Segurou. Insistiu mais. Avistou uma placa em neon que dizia: “Aurora Records - Discos de Vinil”. Foi até a loja para conferir.

Subiu as escadas da porta da loja, curioso em ver o que tinha em seu acervo. Também passear um pouco, arejar a mente. Entrou. A loja estava vazia. Cumprimentou a vendedora que estava no balcão e foi desfilar por entre os discos. A loja fora feita em um sobrado muito espaçoso, e tinha um acervo que abarcava todos os ritmos musicais, organizados em ordem alfabética pelo nome do artista. Vendia desde lançamentos até raridades, nacionais e importados.

Depois de explorar o térreo da loja, Nuno foi ao primeiro andar. Ao fundo, encontrou uma sessão de discos em edição especial - vinis coloridos, ilustrados, encartes que eram verdadeiros livros sobre a obra, com letras, fotos, mais desenhos. Novamente deslizava seus dedos, desta vez pelos discos de vinil na prateleira. Olhos para ver o que poderia encontrar. Nos dedos, agora, sentiu a textura, o cheiro do papel, se embriagou com o toque em coisas reais. Tátil prazer em infinitas possibilidades rítmicas.

Percebeu que alguém o olhava. Ergueu seus olhos, e viu um homem passando alguns metros à sua frente. O homem seguiu pela loja, e Nuno voltou sua atenção aos discos. Nuno notou estar sendo olhado de novo. O mesmo homem novamente, o fitou. Olhos fixos um no outro. O homem desvencilhou o olhar, e continuou pela loja. Nuno largou os discos e foi na direção dele. Flerte instaurado.

Saindo da sessão de discos em que estava, Nuno não viu mais o homem. Caminhou procurando pelo homem que agora parecia ter evaporado. Teria sido uma miragem? Caminhou, caminhou, e nada. Decidiu voltar aos discos coloridos. Virou por um ambiente da loja, seguiu reto, depois virou por outro setor quando de repente, encontrou de frente com o homem.

Não houve palavras. Os dois se juntaram em um beijo que fez soar as trombetas, tinir os bumbos, ressoar os teclados. Um beijo com a duração da nona sinfonia de Beethoven. Molhados pelo som de todas as notas, resolveram se apresentar. Dizer seus nomes. Nuno. Cássio.

Abraçados, sentaram-se no sofá quadriculado em preto e branco. Não houve palavras. Pela janela era possível ver a noite sem nuvens. Na rua, as pessoas, os animais, os carros, ônibus, bicicletas, motos se entrelaçavam em um bailado. No peito de Nuno e Cássio, nascia sol, crescia fogo para clarear o universo.

Marco Antonio Moreira

BUTOH PUNK

mostrar um milagre qualquer
e desaparecer
enquanto estiverem surpresos

Takuboku Ishikawa

O Paulo Ricardo falou que o Cazuza ficou acanhado ao ver a Mulher Repolho na jaula acima da porta de entrada do Madame Satã, mas eu já estava acostumado. Ela estava praticamente todas as noites lá, vestida com um maiô de pele de onça, comendo um repolho que ia cuidadosamente desfolhando, sem parar de olhar fixamente para algum dos que chegavam à casa. Não foi diferente naquela segunda-feira quando eu e a Rita, minha amiga de todas as horas, entramos passando debaixo da jaula. Eu dei uma olhada pra cima só pra confirmar que ela estava em seu lugar habitual e já mergulhei no clima da casa. Não havia gradualidade na chegada – passar por aquela porta já nos colocava de imediato em outro mundo. Um mundo da noite solta, dos corpos suados, do som alto, do tesão explosivo, do contato áspero, do ar carregado de eletricidade.

Em noites anteriores eu acenei para ela ao entrar, mas ela nunca respondeu. Era como se não nos visse, como se estivesse em um lugar só dela, virado pra dentro. Havia algo de grotesco em sua performance, mas também de poético. Tocava uma música que adorávamos, “Boys don’t cry” do The Cure, e já começamos a dançar ali mesmo. Isso era irresistível, incontrolável, como se houvesse uma conexão direta entre a

música e o corpo que não passava pela consciência.

Era incomum irmos até lá em uma segunda-feira, quinta era o melhor dia, mas havia rumores de que o Kazuo Ohno ia aparecer na casa em algum momento da noite e nós não queríamos perder. Enfrentamos o ônibus, o frio e a fila enorme que se formou naquela rua pacata da Bela Vista – nome que trazia em si uma suavidade que contrastava com o nome do clube. Esquecemos que haveria uma manhã seguinte. No future.

Íamos muito lá, quase toda semana. O clube era um ícone da noite underground da cidade, frequentado por artistas, performers, travestis, punks, góticos, intelectuais, bailarinos, gente do teatro e da contracultura paulistana. Tínhamos interesse por essa cena marcada por uma atmosfera libertária, onde gênero, corpo e expressão eram fluidos e celebrados. Gostávamos da animação da casa, de sua arquitetura meio decadente, da música que tocava lá, dos encontros que ela propiciava.

Tinha uma pegada meio punk, meio gótica, meio qualquer coisa que questionasse o conservadorismo dos códigos sociais. Talvez isso explicasse certo fascínio que tinha desde a adolescência pelo movimento punk. Lembro da curiosidade que me despertou um artigo sobre os primórdios do movimento publicado na Revista Pop em 1977. Eu não entendi nada, mas de alguma forma aquela ética e estética associadas ao fim do futuro me atraíram a atenção. Atraíram tanto que me juntei com uns amigos para organizar uma “Festa Punk” na cidade do interior de Minas Gerais onde morava: festa grande com convites vendidos antecipadamente em todos os círculos sociais de elite da cidade. Há uma série de evidências de que nem eu, nem meus amigos, nem ninguém na cidade entendeu do que se tratava, mas a festa foi um sucesso. A começar pelo convite: Ainda tenho um guardado em algum canto da casa. Ele tinha o fundo dourado, com as letras escritas em preto, parecia mais convite para festa de debutantes. Há outras evidências dessa incompreensão total.

A festa ocorreu no clube mais chique da cidade, que ficava no alto de uma colina, com uma bela vista da cidade. As pessoas foram literalmente fantasiadas, algumas certamente confundiram com o carnaval: havia um bloco de meninas com shorts azuis e blusas listradas de vermelho, muita purpurina, homens vestidos de cowboy, Drácula, Tarzan etc. Eu fui com uma camisa social, de botões, com as mangas dobradas e um suspensório. Na entrada do clube, colocamos balões cheios de confetes: passamos a tarde inteira colocando confetes dentro dos balões com funis improvisados e depois chamamos o senhor que vendia balões na praça para enchê-los de gás. Os balões devidamente preenchidos de gás e confetes eram arrebentados com a ponta flamejante de cigarros que as pessoas fumavam ao entrar no salão principal. Era tudo muito punk...

Ao entrar no Madame Satã naquela noite eu não pensei em nada disso. Na fila, a Rita e eu trocamos algumas ideias sobre o nome da casa. Eu me lembrei de ter lido em algum lugar que se tratava de uma homenagem a um artista transformista conhecido nos cabarés da Lapa no começo dos anos vinte no Rio de Janeiro. Ousado e violento, criou muita confusão e, com o passar do tempo, passou a ser visto como um pioneiro da cultura queer no Brasil. Eu não me lembrava de mais detalhes, mas parecia-me que passou quase trinta anos preso na Ilha Grande em Angra dos Reis. Era curioso que tenha se tornado essa referência depois de uma vida marcada por tantas tragédias – algumas sofridas, outras provocadas por ele. Interrompemos a conversa, porque a fila andou e chegou a nossa vez.

O casarão onde a casa noturna foi instalada tinha dois andares. No andar de cima, por onde entramos, havia um salão com um bar e um pequeno palco. No andar de baixo ficava a pista de dança e uma pequena área aberta, que dava acesso a um depósito escuro sem portas, cheio de bujões de gás. Os bujões eram dispostos de tal forma que acabavam formando pequenas salas que eram muito movimentadas ao longo da noite. Eu tinha medo de que os corpos em combustão perdidos naquela

zona escura emitissem faíscas que inflamassem os bujões e acabassem por provocar um incêndio que tomasse a casa toda. Receios infundados, pois não houve notícia de nada que se assemelhasse a isso durante os anos de funcionamento do clube.

A passagem sob a jaula da entrada marcava a entrada em um mundo diferente, com regras distintas das que vigiam do lado de fora. Tudo, ou quase tudo, era permitido. A pista de dança era pequena e apertada. O preto predominava nas roupas e as tachas e rebites nos cintos. Camisetas dos Ramones, Sex Pistols, Dead Kennedys abundavam. Olhos delineados em preto e coturnos bem engraxados. Mas o clima não era, na maior parte do tempo, pesado. Havia muita disponibilidade para os outros, o clube era um espaço de experimentação.

Resolvemos ir até lá naquela segunda, porque tínhamos assistido ao espetáculo do Kazuo Ohno e seu filho poucos dias antes e ficamos muito impactados. O Kazuo Ohno, que já tinha estado no Brasil uma vez e depois voltaria mais uma vez, era celebrado por ser um dos fundadores e grandes mestres do butoh, dança criada no pós-guerra no Japão que se caracterizava por uma expressão fantasmática da relação entre a vida e a morte. Vestido com roupas femininas, com o rosto pintado de branco e o corpo de um homem já idoso, ele dançou trechos de duas peças suas em que interpretava figuras femininas. Era impossível não ser profundamente tocado pela sua dança. Era como se ele dançasse com o invisível, tendo como seu ponto de partida a ruína ou a decadência, seja do corpo ou da própria vida. Não havia a busca pelo movimento perfeito, pelo gesto preciso; tudo era expressão cabal do que simplesmente era e, desta forma, tinha lá sua perfeição e precisão. Ele dançava o que não era possível dizer, o que escapava às palavras ou qualquer outra sondagem racional – só dançava, a mão trêmula subindo acima da cabeça apontando o céu impondo o silêncio total.

Havia no gesto uma investigação sobre o sentido da vida e da morte e isso é o que, para mim, o aproximava do punk e dava sentido a sua presença

naquele clube. Os dois movimentos flertavam com a morte, mas de modos distintos. Um silenciava, o outro gritava. Ambos dançavam e lançavam luzes sobre o presente.

Depois de dançar um pouco mais na pista lotada e quente, subimos e ficamos tomando uma cerveja, esperando sua chegada. Expectativa alta, o tempo se alargava. De repente, lá estava ele. Ninguém o viu entrar, ele simplesmente apareceu no meio daquela gente toda. Depois de vê-lo no espetáculo, com figurino e maquiagem, era impressionante vê-lo ali despido de qualquer adereço. Não havia o vestido bem cortado da bailarina que homenageara em sua peça, nem o chapéu de abas largas que projetava sombras escuras em seu rosto maquiado. Ele se movimentava como se estivesse deslizando e como se aquele também fosse um espaço que dominasse completamente.

Não demorou muito para que ele subisse ao pequeno palco. Estava tocando "*Love will tear us apart*" do Joy Division, e o DJ não sabia se subia ou abaixava o som. Ele fez um sinal para que tudo seguisse igual. E dançou ao som do que ouvia. Dançou como se fosse morrer. Trouxe o corpo todo e sua história de tantos anos para o presente daquele clube punk, numa noite escura da cidade de São Paulo. A Mulher Repolho saiu da jaula e desapareceu. Talvez tenha se trocado rapidamente e se misturado ao público que, extasiado, não acreditava no que estava vendo.

Não era possível explicar nada, nem mesmo descrever com maior precisão. Ele só dançava e nesta dança estava a vida toda: um braço erguido, um passo titubeante à frente, olhos baixos, ombros soltos. Seus movimentos eram lentos, contorcidos, orgânicos. Tudo parecia nascer de dentro, não havia técnica ou a formalidade de um enredo. Não havia nada a dizer, a não ser reafirmar a memória do corpo e a potência do envelhecimento. Quando a música acabou, ele desceu do palco e foi embora, como quem foge da chuva e esquece o chapéu.

Voltamos para casa a pé e as palavras que trocamos no caminho foram

apenas as absolutamente necessárias. Os passos ecoavam, cachorros latiam. No mais, tudo era silêncio.

Renato Guimarães Ferreira

EN UNA NOCHE OSCURA

A noite escura é só um poema.

Um poema em um cárcere concebido - um carmelita descalzo pelos calzados perseguido. Um a mais na infinita lista dos desacordos, dos desafetos, dos desencantos.

Dos desencontros.

O texto, versos, falam do que se tem quando não se tem mais nada, quando tudo foi deixado, ou levado, ou perdido.

Os que conhecem mais do que eu, me contam. Da escuridão me contam eles - the sheer terror of life - o terror mais puro que aflige a alma quando tudo mais parece morto, deserto, destruído, desolado.

Mas é disso que tratam os versos, e só disso. Do que se tem, do que de verdade se tem, quando nada mais há:

En la noche dichosa,
en secreto, que nadie me veía,
ni yo miraba cosa,
sin otra luz y guía
sino la que en el corazón ardía.

Porque em Toledo, solitário, canta um prisioneiro como se fosse Salomão – não fala da cela, do escuro, do frio, da solidão, ou de qualquer dor que em qualquer uma das suas formas possa existir.

Sabe só do amor, do encontro, da inevitável união com o que sempre é sem ter sido, do que é sempre, sem vir a ser.

Sérvio Túlio Prado Júnior

ÀS VEZES NO SILÊNCIO DA NOITE

Há quem diga que a noite é o escuro, a ausência de luz ou a falta de sol. Mas a própria natureza se encarrega de desmentir esta crença, uma vez que existe o sol da meia noite. Além disso, estrelas podem iluminar a noite, como acontece na pintura do louco gênio Van Gogh, Noite Estrelada. Além disso, em Chão de Estrelas, depois de a lua furar o telhado de zinco da casa, o chão era salpicado de estrelas, sobre as quais a amada do autor pisava, distraída.

Por outro lado, na urbe paulistana, que nunca dorme (quase como Nova Yorque) falar em silêncio à noite é muito otimismo. Há para quem barulho seja companhia, uma situação almejada, pois têm medo da solidão. Seja na balada, dançando, fazendo ou ouvindo música, seja na proximidade de trânsito, de caminhões de serviços, como os de limpeza urbana, ou ainda por causa das infinitas obras da metrópole, a noite acaba se confundindo com o dia, com todas as luzes artificiais e todos os seus decibéis.

Além disso, me lembro que aquele artefato de mobiliário e iluminação que se coloca sobre mesas ou em pé, para trazer luz a quem precisa ler ou trabalhar, recebe o nome, em francês, de abat-jour. Em português, abajur, ou quebra luz, embora o significado de Jour seja dia, confundindo os sentidos, tanto aqueles das palavras quanto os humanos (neste caso o da visão). A música brasileira ainda tem um hino noir, que se refere à luz difusa de um abajur lilás. Este não teria propósito se não iluminasse noites românticas. A noite do meu bem, outra canção da mesma época, se refere a um amor possível e realizado, numa noite que merece ser enfeitada, com a luz de uma primeira estrela.

A noite dos tempos se refere a uma época tão passada que se perde na escuridão da história. No começo dos tempos era a treva (ou a noite) e depois veio a luz, para nos dar o mundo tal como o conhecemos, na visão dos religiosos e dos mais tradicionalistas, A escuridão do mundo, em tese, foi combatida com a luz que foi feita (após o fiat lux), quando da sua criação, trazendo conhecimento e razão. Estrelas brilham, tanto as do céu quanto as da arte. Brilham mais à noite oudurante o dia? De fato, o sol também é uma estrela, igual às que vemos à noite. Ilumina nosso dia, será que por estar mais perto da terra?

Se temos o Sunshine act, que tenta trazer à luz casos de corrupção, uma vez que o sol limpa tudo, ouvir estrelas, como dizia Bilac, é sinônimo de ter perdido o senso. Seria a mesma contradição do chiaroscuro da pintura, que existe para trazer relevo e volume às formas? Não sei se Goethe morreu durante o dia ou à noite, mas o que chegou aos interessados em literatura, como suas últimas palavras, foi a expressão Mehr Licht, ou seja, mais luz.

Essa grande contradição, entre a noite e o dia, me parece lindamente apresentada com a estrela do mar, fruto poético do amor entre um grão de areia e uma estrela. Na verdade, o dia faz às vezes desejar a noite. E vice-versa. Os insones sonham, em sentido figurado, com o nascer do sol, que os liberaria do sofrimento.

A nave mãe chega, no horário que for, e os extraterrestres nos visitam. Não sei se de onde esta nave chega há dias e noites. O Japão é a terra do sol nascente, mas será que lá não existe poente? Será que em outros mundos há meses com 32 dias?

Como dizia Leoni, noite e dia se completam, no nosso amor e ódio eterno. E citando o sempre sábio Fernando Pessoa, em conversa com a noite, deixa que eu durma, deixa que eu acabe, e que a luz nunca venha despertar-me!

Ana Maria Malik

DUAS TORRES

No meu caminho diário para a academia existem duas torres.

Não são particularmente altas, não guardam muralhas e tampouco anunciam a chegada de exércitos vindos da Terra-Média. Ficam na esquina da Rua Augusta com a Rua Antônia de Queiroz e atendem pelos nomes de Patna e Bataclan. Em vez de vigiar um reino ameaçado, guardam a passagem entre dois horários da cidade.

Todas as manhãs, quando sigo em direção à Rua Frei Caneca, passo por elas.

Àquela hora, por volta das nove, a cidade oficial já está desperta. Gente corre para o trabalho, motos atravessam os corredores entre os carros, funcionários levantam portas de ferro, cachorros conduzem seus donos pelas calçadas e consumidores carregam copos de café como pequenos certificados de produtividade.

Eu mesmo estou a caminho da academia, obedecendo ao ritual contemporâneo de fazer alguma coisa pelo corpo antes que o dia faça muitas coisas contra ele.

Mas, diante do Patna e do Bataclan, nove da manhã não significa começo.

Significa fim.

Nas mesas dos dois botecos estão os trabalhadores da noite. Sex-workers, porteiros e seguranças de boates, funcionários de casas noturnas, motoristas, cafetões e outros profissionais de uma economia que funciona enquanto boa parte da cidade dorme. Depois do turno, eles se reúnem ali para tomar cerveja, conversar e olhar para a rua.

À primeira vista, a cena parece produzir um pequeno escândalo cronológico. Cerveja às nove da manhã. Garrafas sobre a mesa quando a maioria das pessoas ainda discute se toma café com ou sem açúcar. Copos americanos surgem no mesmo horário em que nutricionistas recomendam frutas, fibras e hidratação.

Mas eles não estão começando cedo. Estão terminando tarde.

A cerveja das nove da manhã é o chope das seis da tarde de quem trabalhou durante a madrugada. O que, para os outros, parece deslocado é, para eles, happy hour. A diferença é apenas de fuso horário social.

Enquanto a cidade diurna se prepara para produzir, aquelas mesas recebem quem já produziu durante a noite. Enquanto alguns abrem seus computadores, outros fecham suas contas. Enquanto eu caminho para levantar pesos, eles finalmente deixam cair o peso de mais um turno.

Talvez por isso pareçam sempre menos apressados do que os outros.

Sentam-se de frente para a rua, bebem devagar e conversam. Falam de trabalho, dinheiro, clientes, colegas, futebol, política, amores, brigas e acontecimentos que eu não consigo ouvir por completo. De vez em quando alguém ri alto. Em outros momentos, as conversas parecem sérias. Há abraços, discussões, silêncios e aquela espécie de cansaço que já não precisa ser explicado.

Com o tempo, passei a reconhecer algumas presenças.

Uma delas é o homem a quem, em pensamento, chamo de “Seu Madruga”. É alto e muito magro, quase sempre vestido com calça jeans e camiseta preta. Tem os cabelos curtos, a barba por fazer e usa fones de ouvido brancos, sem fio. Senta-se sozinho em uma mesa do Patna, diante de uma garrafa de Heineken. Sempre uma Heineken! Não conversa com ninguém, ao menos nas manhãs em que o vejo. Permanece sentado, os fones nos ouvidos, o corpo comprido acomodado na cadeira e os olhos voltados para a rua. Não parece exatamente observar alguma coisa. Seu olhar atravessa os carros, as pessoas e os prédios como se estivesse voltado para um ponto situado um pouco além da paisagem. Nunca sei se está ouvindo música, um programa de rádio, uma mensagem ou apenas usando os fones para permanecer mais sozinho.

Ele bebe sem pressa. Em certos dias, a garrafa parece recém-aberta. Em outros, já resta pouco. Eu passo, olho de relance e sigo em frente. Não sei de onde veio, onde trabalhou durante a noite ou para onde irá depois. Conheço apenas a regularidade de sua presença, a camiseta preta, os fones brancos e a Heineken sobre a mesa.

Há também as mulheres que saem das boates quando a manhã já tomou conta da rua. Algumas caminham de Havaianas, trazendo nas mãos as sandálias de salto alto que usaram durante a noite. Vestem minivestidos, ainda adequados à iluminação artificial das casas noturnas, mas de algum modo deslocados sob a luz clara da manhã. Seus corpos revelam procedimentos estéticos, tatuagens espalhadas pelos braços, pernas, costas e colo, além de cílios postiços tão alongados que parecem pertencer à própria indumentária da noite.

Caminham em pequenos grupos ou sozinhas. Algumas conversam

animadamente; outras olham o celular. Há quem pare diante de uma das mesas, quem compre alguma coisa, quem espere um carro e quem simplesmente desapareça na direção da Frei Caneca ou da Paulista.

Os saltos nas mãos talvez sejam o sinal mais evidente de que o turno terminou. Durante a noite, eles compõem a personagem, alongam o corpo, alteram a postura, produzem uma forma específica de presença. De manhã, tornam-se objetos carregados entre os dedos, enquanto os pés procuram a horizontalidade simples da borracha.

Não há exatamente uma transformação. Há uma desmontagem lenta. A maquiagem continua no rosto. O vestido continua no corpo. Os cílios permanecem no lugar. Mas a noite começa a se desfazer nos detalhes: o salto retirado, o cabelo preso às pressas, a bolsa segurada junto ao corpo, a atenção voltada para o transporte que não chega.

Eu reconheço essas pessoas sem conhecê-las. Percebo quem costuma ocupar determinada mesa, quem aparece sozinho, quem chega acompanhado, quem parece mais expansivo e quem quer apenas terminar a bebida antes de ir embora.

Também noto ausências. Certas pessoas deixam de aparecer por alguns dias. Outras somem definitivamente. Há ainda as que reaparecem depois de semanas, como personagens de uma série cuja trama acompanho sem ter acesso aos episódios completos.

Minha relação com aquele cenário é feita exclusivamente de passagem. Olho, mas não paro. Reconheço, mas não cumprimento. Observo com interesse, embora saiba que a distância também é uma forma de respeito. Não quero fingir uma intimidade que não existe, nem atribuir histórias a pessoas que nunca me contaram nada. Sou apenas um passante.

Todos os dias, atravesso aquela esquina levando comigo a pequena arrogância dos que acreditam estar começando o dia. Eles, por sua vez, estão encerrando uma jornada sobre a qual sei muito pouco.

A cidade costuma tratar a noite como cenário de diversão. Falamos da Augusta como lugar de bares, festas, encontros, excessos e histórias que serão contadas no dia seguinte. Mas toda diversão depende do trabalho de alguém. Quando alguém entra numa boate, outra pessoa está na porta. Quando alguém pede uma bebida, outra pessoa a serve. Quando alguém dança, outra pessoa controla o som, limpa o salão, organiza a fila ou observa o movimento. Quando alguém sai de madrugada, outra pessoa chama um carro, vende alguma coisa, negocia um preço ou espera o último cliente.

A noite tem seus porteiros, vendedores, vigias, garçons, motoristas, trabalhadoras, gerentes e intermediários. Tem hierarquias, expedientes, pausas, conflitos e cansaço.Tem quem esteja se divertindo e quem esteja trabalhando para que essa diversão seja possível.

De manhã, no Patna e no Bataclan, essas duas cidades se encontram por alguns minutos. A cidade que passou a noite consumindo já foi embora. A cidade que passou a noite trabalhando ainda não conseguiu chegar em casa. E a cidade diurna começa a ocupar as calçadas, sem perceber muito bem o que está se desfazendo diante dela.

A esquina funciona, assim, como uma fronteira temporal. De um lado, pessoas iniciam o expediente. Do outro, pessoas pedem a saideira. Para uns, é café da manhã. Para outros, é a última cerveja. Para mim, é o caminho da academia. Para eles, é o lugar onde o corpo começa a se desligar da madrugada.

Talvez seja esse o verdadeiro papel das duas torres. Patna e Bataclan não protegem a cidade. Também não a ameaçam. Apenas testemunham sua troca de turno. Ali, durante algumas horas, a noite resiste ao avanço da manhã. Não como festa, mas como trabalho recém-terminado. Não como aventura, mas como rotina. Não como desvio, mas como outra forma de cumprir o relógio.

Continuo caminhando. Passo entre as duas torres e sigo para a Frei Caneca, para as esteiras, os pesos e os espelhos da academia. Em uma das mesas, Seu Madruga contempla a rua com seus fones brancos e sua Heineken. Mais adiante, uma mulher atravessa a calçada de Havaianas, segurando os saltos em uma das mãos e o celular na outra.

Levo comigo a impressão de que comecei o dia cedo.

Nas mesas atrás de mim, alguém pede mais uma cerveja.

Talvez seja a última.

Para mim, o dia começa depois daquela esquina. Para eles, é ali que a noite finalmente encontra um lugar para terminar.

INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES

MAGNETICA